



GT 034. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Edward John Baptista das Neves MacRae (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a,
Regina de Paula Medeiros (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) - Coordenador/a

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

Cultura cannábica, fluxo de pessoas e políticas nacionais de drogas: migração, residência e turismo cannábico de brasileiros em Montevidéu, Uruguai

Autoria: Filipe Augusto Couto Barbosa

Este work busca iluminar o fenômeno que tem intensificado o fluxo de brasileiros para o Uruguai desde a legalização da cannabis neste país, cujo marco é a Lei nº 19.172 de 10 de dezembro de 2013. Desde então, a regulamentação avançou com decretos dispendo sobre a lei trabalhista, o uso industrial e medicinal de cannabis, e com a criação de órgãos e agências reguladoras, despertando o interesse de pesquisadores das leis e políticas de drogas pelo mundo. Este fenômeno despertou também o interesse de brasileiros e, nos últimos 5 anos, esteve acompanhado de uma intensificação da residência e do turismo destes no Uruguai. Para compreender de forma abrangente tal fenômeno e identificar os perfis desses brasileiros, realizei uma pesquisa exploratória em diferentes níveis e meios: documental, com os textos legislativos sobre drogas nos dois países; bibliográfico, em diálogo com os pesquisadores dedicados ao tema; empírico, com work de campo realizado em Montevidéu, entre 1º e 10 de dezembro de 2017, e na internet, com foco nas mídias sociais de brasileiros e canais importantes para a cultura cannábica regional, observadas desde setembro de 2017. No campo, optei por realizar uma "participação observante", assumindo a condição de brasileiro, estranhando e me familiarizando com o dia a dia na cidade, visitando locais emblemáticos, como o Museo del Cannabis e as grow shops e head shops (lojas de artigos de cultivo e consumo de cannabis, e da cultura cannábica em geral), e indo à Expocannabis Uruguai 2017, evento mais importante da indústria cannábica no país; onde ocorreram: conversas informais, coleta de materiais (objetos, informativos [flyers, revistas, livros...], fotografias e vídeos) e entrevistas com 20 brasileiros. Esta pesquisa exploratória mostrou uma diversidade de relações entre brasileiros, cultura cannábica e o Uruguai: de ativistas de coletivos pró cultura cannábica (como a Marcha da Maconha no Brasil) àqueles que se mudaram para o Uruguai no intuito de montar negócios cannábicos ou simplesmente para desfrutar de morar em um lugar onde não mais sofreriam repressão, de turistas bem informados e frequentes (que cogitam se mudar para o país) a turistas desinformados (que não conhecem a política de drogas uruguaia, que não prevê a compra de cannabis por



estrangeiros não residentes). Estes brasileiros criam redes que vão do mercado negro (com cannabis ilegal) ao mercado cinza (a partir da comercialização ilegal de cannabis legal entre amigos e conhecidos, advinda de produção própria ou de clubes, ou de cota individual retirada em ponto de venda do governo), do ?presente de amigo? (de um uruguaio ou brasileiro residente) à ?residência?, que dá acesso ao direito de comprar ou produzir e os inclui na comunidade cannábica de brasileiros no Uruguai.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

